

Religiões Ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico

Maria Clara Araújo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: clararebel@yahoo.com.br

LABATE, B. C.; ROSE, I. S.; SANTOS, R. G. *Religiões Ayahuasqueiras* - um balanço bibliográfico. Campinas: Mercado das Letras/Fapesp, 2008. 191 p.

O livro *Religiões ayahuasqueiras: um balanço bibliográfico* lança sua rede para reunir estudos científicos, romances e relatos autobiográficos sobre as três religiões ayahuasqueiras brasileiras: a Barquinha, o Santo Daime e a União do Vegetal (bem como os usos “neoayahuasqueiros”). Trata-se de um esforço relevante, lançado num momento oportuno, pois embora essas religiões tenham uma história muito recente, há um crescente interesse do público (acadêmico e não acadêmico) sobre as questões que envolvem esses temas.

Trata-se de mais uma publicação ligada ao NEIP (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos), que reúne pesquisadores de várias áreas interessados nos usos rituais, recreacionais e curativos das substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. Beatriz C. Labate, antropóloga, Isabel de Rose, também antropóloga, e Rafael Guimarães, psicólogo, são estudiosos profundamente implicados com os usos rituais e curativos da ayahuasca, e procuraram nesse livro lançar um panorama sobre o que foi produzido até agora sobre a ayahuasca em suas vertentes brasileiras.

Como pesquisadores cuidadosos, deixam o livro em aberto porque sabem que outras pesquisas vêm sendo realizadas e tantas outras serão produzidas. Além disso, sabiamente se limitaram ao universo das religiões e práticas brasileiras, deixando para outro momento uma compilação das pesquisas sobre os usos indígenas da ayahuasca, bem como os aspectos ligados aos grupos ayahuasqueiros dos demais países da América Latina. Um estudo que abarcasse o uso da ayahuasca nas Américas demandaria um levantamento muito mais longo e complexo.

O levantamento bibliográfico sobre o tema “religiões ayahuasqueiras” (denominação que procura abarcar os grupos que fazem uso ritual do chá) é fundamental para todo e qualquer pesquisador que queira conhecer o que já foi estudado e publicado dentro desse universo. Uma vez que, como veremos, já existe um campo de pesquisas que passa pelas Ciências Humanas (antropologia, história, psicologia social, sociologia) e também as Ciências da Saúde, ou Biomédicas (neuropsicologia, psiquiatria, medicina etc.), e que pesquisadores do mundo inteiro vêm se interessando por esses temas, um livro que traga esse levantamento é de enorme auxílio para os pesquisadores da atualidade.

O uso chá amazônico ayahuasca (que vem do quéchua “cipó dos espíritos”) é tradição entre tribos indígenas do Alto Amazonas, sendo também utilizado em rituais mágicos e medicinais entre populações mestiças dessa região (Acre, Peru, Bolívia). No início do século XX, o maranhense Irineu Serra, que trabalhava no Acre como seringueiro e militar, teve contato com essa bebida através de um xamã (curandeiro e feiticeiro) local. Irineu teve uma série de visões (*mirações*) com uma entidade que se apresentou como N. Sra. da Conceição, e a partir dessas experiências foi criada uma nova religião, o Santo Daime. Ao longo de sua vida, Mestre Irineu Serra e seus seguidores construíram uma religião com características distintas dos usos que a ayahuasca tinha até então, embora se perceba claramente no Daime raízes ameríndias. Sua igreja, o Alto Santo, permanece no Acre como uma referência e um marco das religiões ayahuasqueiras, as quais unem de diferentes maneiras referências ameríndias, crenças do catolicismo popular, correntes espiritualistas e afro-brasileiras e, mais recentemente, tradições orientais.

Nas décadas que se seguiram, outras duas religiões foram fundadas: a União do Vegetal, em Porto Velho, sob o comando e inspiração de Mestre José Gabriel da Costa, e a Barquinha, no Acre, criada por Mestre Daniel Pereira Mattos, ambas com mitos e rituais diferentes do Santo Daime. Este último também se abriu em diferentes “linhas”, das quais podemos destacar o Cefluris (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), criado na década de 70 por um grupo liderado por Sebastião Mota. No fim da década de 70, o Cefluris abriu-se para o contato com pessoas oriundas dos grandes centros

urbanos. Estes aventureiros, que tinham ido ao Acre e ouvido falar de uma bebida “com poder inacreditável”, se entusiasmaram com o chá e com a experiência comunitária do grupo de Sebastião, bem como com as experiências espirituais ali vividas e resolveram trazer o Daime para as grandes cidades brasileiras.

Assim, as religiões que fazem uso da ayahuasca como sacramento romperam com o isolamento e com o contexto estritamente amazônico para se inserirem no universo multirreligioso dos grandes centros urbanos. Por um lado, isso trouxe uma intensa preocupação com a preservação das características tradicionais de consumo e produção da bebida sacramental, exemplificadas pela recente intenção do IPHAN de transformar algumas linhas ayahuasqueiras em Patrimônio Cultural Brasileiro. Por outro, percebe-se uma série de diálogos e trocas entre certas “linhas” ayahuasqueiras com outras tradições religiosas, tais como a Umbanda, o(s) xamanismo(s) e as práticas orientais, como a yoga e o budismo.

Do processo de expansão e internacionalização, vivido sobretudo pelo Santo Daime e a União do Vegetal (outra religião ayahuasqueira brasileira, surgida em Porto Velho, Rondônia) surgiram também grupos dissidentes. Os chamados neoayahuasqueiros romperam com as “tradições” amazônicas e fazem uso do chá somando-o a tradições orientais, práticas terapêuticas e elementos da cultura da Nova Era. Formam, portanto, um grupo heterogêneo, dentro do já eclético universo ayahuasqueiro brasileiro.

De lá para cá, o Santo Daime/ayahuasca foram alvo de perseguição e legalização, calúnias, críticas, controvérsias, defesas e depoimentos apaixonados, políticas nacionais e internacionais, desdém e exaltação, e, também, um *boom* de pesquisas científicas. Tal como afirma o historiador H. Carneiro:

[...] com esta publicação, pode-se dizer que já há um campo internacional de estudos multidisciplinares e que um de seus focos está no Brasil. Os ângulos de abordagem são múltiplos: antropológicos, farmacológicos, etnobotânicos, históricos, médicos, entre outros. (2008, contracapa de *Religiões Ayahuasqueiras, um balanço bibliográfico*).

A questão da expansão e internacionalização abre uma série de discussões e possibilidades de pesquisa. A Antropologia teve o inegável

mérito de realizar os primeiros estudos sobre as práticas culturais dos grupos ayahuasqueiros acima mencionados. Porém, o presente estudo aponta para o fato de que hoje existem questões que podem, devem e estão sendo respondidas e pesquisadas por outros campos das Ciências Humanas e da Saúde.

O livro traça um panorama desses grupos, mostrando uma estimativa de quais ficaram mais restritos ao Norte do Brasil e quais se expandiram pelo mundo, quantos membros cada um possui e quais são as questões abordadas pelas pesquisas realizadas até o momento. É particularmente digno de nota o fato de que a maioria das pesquisas sobre o Daime/ayahuasca foi realizada por pesquisadores e universidades brasileiros, o que nos coloca como referência dentro desse universo.

Uma vez que as religiões ayahuasqueiras conquistaram recentemente (2004) o pleno direito de exercerem suas atividades dentro do Brasil, surge também um campo de diálogo com o Direito nacional e internacional, pois o uso ritual do chá ainda não está regulamentado na maioria dos países onde atualmente é conhecido e consumido. Segundo os autores:

Esta área de pesquisa tem também uma grande importância para as discussões sobre o consumo das assim chamadas “drogas”, as reflexões sobre o proibicionismo e as possibilidades de redução de danos. Dessa maneira, embora alguns estudos possam expressar uma certa tendência reducionista ao colocar muita ênfase na ayahuasca como substância, [...] a reflexão sobre o tema das religiões ayahuasqueiras extrapola em muito a questão da substância em si. (Labate; Rose; Guimarães, 2008, p. 55)

Outra questão relevante são os livros produzidos pelos próprios membros das referidas religiões. Existem romances, relatos autobiográficos, entrevistas, e até poesia e livro de cordel produzidos por daimistas, membros da Barquinha e da UDV. Esta última se destaca também pelas pesquisas, sobretudo no campo da medicina e farmacologia (há uma menção ao *Projeto Hoasca*, que teve o mérito de ser a primeira grande pesquisa sistemática sobre os efeitos biomédicos do chá, realizada dentro da UDV).

O segundo capítulo, “Comentários da bibliografia farmacológica, psiquiátrica e psicológica sobre as religiões ayahuasqueiras”, procura mostrar um panorama das pesquisas nas áreas da saúde envolvendo

o chá. Esse trecho do livro discute sobretudo as pesquisas realizadas pela comissão biomédica da UDV e também algumas pesquisas sobre os efeitos neuropsicológicos do chá realizadas na Espanha.

Os autores relatam uma série de estudos biomédicos que envolvem testes realizados em laboratórios e hospitais espanhóis, fora do contexto ritual. Pode-se ressaltar que esse capítulo em particular levanta algumas discussões e paradoxos interessantes: descreve por um lado as vantagens de pesquisas com o chá realizadas em laboratório, tais como maior controle sobre a quantidade de ayahuasca administrada aos sujeitos, bem como uma enorme gama de variáveis que podem ser introduzidas ou eliminadas num ambiente controlado. Por outro, afirma a importância fundamental do contexto sociocultural sobre os efeitos psicofisiológicos do chá. Percebemos nesse trecho do livro uma tensão entre os métodos das pesquisas “hard”, que se apoiam nos aspectos neurofarmacológicos do chá, e as concepções das Ciências Humanas, que defendem que os aspectos psico-socioculturais são cruciais para uma compreensão e um posicionamento científico e político em relação às religiões ayahuasqueiras.

Há também o imperdível capítulo “Bibliografia sobre as religiões ayahuasqueiras” (p. 115). Essa última parte do livro é, em nossa opinião, de inestimável valor, um verdadeiro “mapa da mina”. Mostra uma extensa lista de livros, teses de mestrado e doutorado realizados no Brasil e em países como França, Alemanha, Japão, Dinamarca e países de língua inglesa. É importante ressaltar que esse último trecho do livro limita-se a elencar os estudos até o momento publicados, sem realizar comentários sobre este ou aquele estudo.

Nesse último capítulo, fica evidente o interesse de pesquisadores de vários países e diferentes áreas pelo tema da ayahuasca, e o quanto as religiões ayahuasqueiras estabeleceram não só um diálogo (nem sempre pacífico) entre si como também se abriram para uma série de diálogos com a academia. Embora existam grupos mais fechados e outros mais abertos a esse tipo de contato, torna-se claro que existe uma necessidade de respaldo científico para que tais religiões possam legitimar determinadas práticas para o público leigo e sobretudo para a legalização dos usos que fazem do chá junto aos governos mundiais.

Num mundo globalizado, as religiões ayahuasqueiras vêm conquistando espaço entre pessoas sem religião, mas abertas à espiritualidade, e também, por suas características ecléticas, entre pessoas de outros credos que enxergam uma nova maneira de vivenciar a espiritualidade e vivenciar suas crenças pessoais. Isso gera uma série de questões para esses grupos: como manter suas características essenciais e abrir-se dentro do mundo inter-religioso? Até que ponto pode-se permitir alterações em rituais e práticas rituais e cotidianas? Como lidar com doentes mentais, usuários de drogas, gestantes e crianças que querem participar dos rituais? Cada grupo ayahuasqueiro tem construído respostas para essas questões, e as pesquisas mostram a diversidade dos processos intra e intergrupais para dar conta dessas e de outras questões.

Portanto, este livro torna-se fundamental para os que estudam a ayahuasca/daime, uma vez que preenche uma lacuna no campo científico e oferece aos estudiosos uma pesquisa bastante completa sobre o sempre crescente universo de pesquisas, relatos, romances e poesias criados a partir do cipó, da folha e seus humanos usos.

Recebido em: 20/01/2009

Aceite em: 19/7/2009